

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

MARIVANE DEMOZZI ROSSETTI

LEITOR PLURAL NA ERA TECNOLÓGICA

FLORIANÓPOLIS, 2016.

MARIVANE DEMOZZI ROSSETTI

LEITOR PLURAL NA ERA TECNOLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital apresentado à Universidade de Santa Catarina – UFSC para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof^a M.^a Karoliny Correia.

FLORIANÓPOLIS, 2016.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela vida, saúde, luz do meu caminho.

Aos professores no decorrer do curso pelo conhecimento compartilhado.

À professora orientadora M.^a Karoliny Correia, por não ter-me deixado desistir, pelo suporte, empenho e dedicação na elaboração deste trabalho.

À minha família, pelo incentivo e contribuição.

À minha filha e esposo que sempre foram meu suporte, apoio e motivo de superação.

Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história.

Bill Gates

RESUMO

O presente trabalho tem como foco principal a prática da leitura no contexto da era tecnológica, considerando o avanço e crescente uso da Internet entre os adolescentes e o seu uso não só na esfera familiar e cotidiana como também no espaço escolar. O objetivo do estudo foi desenvolver uma reflexão sobre a temática da leitura e da formação de leitores a partir da cultura digital, que vem evidenciando desafios de caráter social, cognitivo e tecnológico, os quais foram surgindo nesse novo contexto social. Busca-se, sobretudo, considerar os impactos dessa mudança na configuração de diferentes práticas sociais de leitura, privilegiando o que se pode denominar *leitor digital*. A pesquisa envolveu alunos de uma das turmas do 8^a ano do Ensino Fundamental da E.E.B. Sara Castelhana Kleinkauf, no município de Guaraciaba, SC, sendo os dados gerados por meio de um questionário sobre o uso e as preferências desses adolescentes quanto às leituras mediadas pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Alguns dados reforçam que, apesar das inovações tecnológicas e das novas relações com a leitura, ainda não há uma consciência desses estudantes quanto às contribuições dessas ferramentas tecnológicas para as atividades escolares e a consequente influência em sua vida social. Ressalta-se, portanto, a necessidade de investimentos em formação docente com o intuito de que as TDIC sejam recursos cada vez mais presentes nos currículos escolares, de modo que os alunos sejam incentivados a se engajarem em práticas de leitura que tenham como suporte essas tecnologias.

Palavras-chave: Prática da leitura. Leitor. Texto. Ferramentas Tecnológicas.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Idade dos alunos	26
Gráfico 2- Posse de Computador.....	26
Gráfico 3- Acesso à Internet.....	27
Gráfico 4- Assuntos de maior interesse na internet	28
Gráfico 5- Gosto pela leitura	30
Gráfico 6- Tipo de leitura.....	32
Gráfico 7- Suporte de livros.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 JUSTIFICATIVA	7
1.2 OBJETIVO GERAL.....	8
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 HISTÓRIA DA LEITURA	9
2.2 A LEITURA NA ERA VIRTUAL	11
2.3 A FORMAÇÃO DO LEITOR NA ERA DIGITAL.....	13
3 A LEITURA NA ERA TECNOLÓGICA: UMA ANÁLISE DOS HÁBITOS DE LEITURA DOS ALUNOS DA .E.E.B. SARA CASTELHANO KLEINKAUF	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	39

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo passa por distintas mudanças ocasionadas pelo desenvolvimento da tecnologia, que direta ou indiretamente afetam os modos de aprendizagem dos sujeitos. Assegura-se que a internet possui um percentual nessa evolução, modificando assim os modos de adquirir informações e conhecimentos, dando base para o surgimento da *Sociedade da Informação*, em que os recursos tecnológicos exercem grande influência.

Assim, pode-se dizer que a prática da leitura e da escrita, mesmo que presentes nesse novo contexto, ainda são um grande desafio, pois muitos alunos apresentam desinteresse pelos conteúdos e métodos tradicionais de ensino, ocasionando a dificuldade em sua capacidade leitora e interpretativa.

Por isso, a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no ambiente escolar contribui como ferramenta de auxílio na motivação de aprendizagem, pois a tecnologia exerce fascínio em nossos alunos. Quando utilizada de forma adequada, tal ferramenta tem muito a oferecer e a ajudar, tornando as práticas de leitura e de escrita mais efetivas e próximas da realidade desses estudantes.

Tendo em vista tais discussões, este estudo visa à análise da relação de estudantes, de uma escola municipal do oeste de Santa Catarina, com as práticas de leitura, em especial em contexto em que as TDIC estão presentes. Para a geração dos dados, esses jovens foram convidados a responder a um questionário com questões fechadas de múltipla escolha a fim de diagnosticar como se caracterizam suas concepções quanto à leitura de textos na era tecnológica.

Com isso, pretende-se analisar o complexo processo que é a prática da leitura, sua importância, desenvolvimento, aquisição do hábito e gosto por ela, bem como os fatores que contribuem para torná-la uma atividade cotidiana.

1.1 JUSTIFICATIVA

Sabe-se que o gosto pela leitura pode ser estimulado de diversas maneiras, dentre elas, por meio das TDIC, por possuírem elementos facilitadores e ampliadores

dos portadores textuais, nos quais os textos e hipertextos unem-se em prol da aprendizagem, leitura e vivência das ações.

Nesse contexto, tem sido cada vez mais urgente uma discussão em torno do *leitor plural* na era tecnológica, que nada mais é que um sujeito com habilidades de compreender, interpretar, analisar e refletir, não só os símbolos desenhados no papel, nas telas ou redes sociais, mas as informações nas entrelinhas (MENEGOLLA, 1993), as quais dependem das vivências desses sujeitos.

Questiona-se, assim, a inter-relação entre leitura e internet, compreendendo que quando associadas, além de informação, podem gerar conhecimentos necessários na contemporaneidade. Os textos virtuais atraem e fazem parte do cotidiano, devendo, portanto, serem direcionados ao aprendizado, de modo a não se restringirem às atividades da esfera extraescolar.

A situação atual da leitura de livros, jornais, revistas, tanto impressos como *online*, não tem se mostrado assídua e perseverante. Vários condicionamentos impedem a formação do hábito, mas é pertinente uma ação que reavalie essa prática e que instigue os sujeitos a lidarem com diversificados textos, sejam eles em suporte impresso ou virtual.

São importantes estudos, pesquisas e reflexões para uma mudança de postura em relação aos modos de agir diante da era digital e tecnológica para o desenvolvimento de uma leitura e de leitores com enfoque dinâmico, produtivo e atraente.

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar e questionar a situação da leitura e do leitor nos dias atuais, nas turmas do 8º ano da E.E.B.Sara Castelhana Kleinkauf, Guaraciaba, SC.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Diagnosticar as práticas de leitura dos alunos, em especial as que demandam o uso da internet.
- Descrever os tipos de leitura, assuntos de maior interesse e suporte de livros mencionados pelos estudantes.

- Compreender a influência da tecnologia às atividades de leitura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão discutidas as situações que abordam a questão da leitura, seu surgimento, processo histórico, uso das TDIC, estímulos para a formação do leitor e a posterior continuidade do “ser” leitor.

Sabe-se que o ato de ler é um processo de interação, para que isso aconteça, deve haver leitor e texto. Quando a leitura acontece provoca uma mudança no leitor, que por sua vez, interage no mundo.

2.1 HISTÓRIA DA LEITURA

A história da leitura no mundo ocidental ocorreu ao longo de um demorado processo histórico. Surgiu da necessidade de comunicação e compreensão dos povos que tentavam desvendar os segredos das figuras, os primeiros sinais gravados nas rochas, entre outras expressões populares. A aprendizagem era uma demanda destinada apenas aos homens com fins de leitura dos documentos destinados à classe dominante. Assim, os responsáveis pela leitura e escrita eram os escribas reais que pertenciam à casta (escravos ou clérigos) que dependiam do poder para exercer suas funções (BARTHES, COMPAGNON, 1987).

Com a Revolução Industrial, no século XVIII, a disseminação da leitura e da escrita aconteceu na Europa. A burguesia, devido ao acúmulo de bens, surgiu como classe dominante, os materiais de literatura passaram a proliferar, pois se tornaram produtos de consumo cultural. Foi também nesse contexto que ocorreu a diferenciação do gosto, como consequente emergência de gêneros para atender às diferentes necessidades. O romance dirigiu-se especialmente às mulheres, os homens eram consumidores de jornais e as crianças burguesas tornaram-se leitoras da nascente literatura infantil.

As classes desfavorecidas economicamente não constituíam um público-leitor, porque estavam vinculadas a uma tradição oral e a circulação da literatura dependia do poder aquisitivo. Assim, a economia transformou a leitura numa marca de distinção de classes sociais separando o indivíduo dito *letrado* do *não letrado*.

As leituras aconteciam de forma controlada para evitar que as pessoas obtivessem conhecimento através dos livros e se tornassem autônomas, livres e atuantes. Somente os homens poderosos davam ordens, controlavam a vida de toda a sociedade. Confirmando o que diz Roland Barthes e Antoine Compagnon (1987, p. 184.), “a leitura foi durante muito tempo operador brutal de discriminação social”. Desde cedo, os chamados “letrados” notaram que o ato de ler transmitia uma visão ampla do mundo aos leitores, domínio de argumentação, poder, influenciando diretamente e indiretamente na sua ação e atitude, independente do período da história vivenciado por homens, que ansiavam a liberdade.

Sabe-se que, atualmente, o desenvolvimento da leitura provoca e faz surgir grandes transformações. É lendo que a sociedade se aperfeiçoa cada vez mais, para compreender melhor a luta diária e criar uma sociedade justa, capaz de formar cidadãos críticos e participativos; portanto, a leitura é necessária. Ela é uma “descoberta de mundo”, pois aponta uma modalidade de experimentação entre tempo e espaço.

Nessa mesma linha, os PCN (BRASIL, 1998, p. 69) enfatizam a leitura como “processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem”. Assim, ao tornar-se leitor ativo, o ser humano aumenta a percepção sobre o mundo, o objeto de estudo, a linguagem e a sociedade, ao passo que, ao ser integrada à internet, a leitura poderá conquistar novos leitores virtuais.

O ato de ler é uma atividade humana, portanto, sua definição e estudo envolvem e requerem reflexão. Unanimemente, estudiosos afirmam que leitura é um processo complexo. Silva (1993, p. 43), por exemplo, concebe leitura desta forma:

Ler é antes de tudo, compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem... Ler é, em última instância não só a ponte, mas também é um modo de existir, no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo.

Assim sendo, leitura não é somente um processo de decifração/tradução do escrito em oral, mas uma atividade inserida num projeto individual ou coletivo, que busca inserir o sujeito em uma atividade interacional. Pode-se dizer, então, que a leitura é uma atividade de interação entre pensamento e linguagem.

Nessa mesma linha, o complexo ato de ler começa a ser compreendido quando aceita-se o caráter multifacetado que envolve percepção, processamento, memória inferência e dedução. Para Cagliari:

Ler é uma atividade extremamente complexa que envolve problemas não só semântico, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonéticos. A leitura é a realização do objetivo da escrita! Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita é a leitura. (CAGLIARI, 1992, p.149)

Assim, leitura é interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. O leitor, nesse processo, não é passivo, mas sim agente que busca significação, pois o sentido de um texto jamais é interrompido e nem dado *a priori*, já que ele se produz nas situações dialógicas que constituem suas leituras possíveis.

Ler não é decifrar, como um jogo de adivinhações, o sentido de um texto! É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de cultura que ser autor pretendia e, dono da própria vontade entregar-se a leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1986, p.59)

Com base nisso, pode-se dizer que ler é um jeito de compreender o mundo. Nesse viés, Paulo Freire (1996) destaca que a leitura, quando efetiva, compromete-se de imediato com o texto e torna o sujeito leitor também um autor de sentidos.

Assim, a leitura exige que o leitor a domine para não ficar alheio e distante das várias formas de comunicação, ampliando, assim, o fosso entre o mundo globalizado. Ressalta-se, nesse contexto, a necessidade de conhecer novas formas de escrita e de leitura para que o indivíduo não fique “alheio à modernidade” e à comunicação.

2.2 A LEITURA NA ERA VIRTUAL

Ao se popularizar, a internet revelou-se como um dos meios de comunicação mais velozes e completos, capaz de modificar a cultura da sociedade, transformar sonhos de comunicação intermundial em realidade, facilitar as tarefas cotidianas, aproximar continentes e enriquecer as aulas.

Nesse sentido, torna-se premente associar a leitura significativa na internet no ensino e na aprendizagem, uma vez que os avanços tecnológicos favorecem uma mudança no papel do docente, distanciando-se da figura de mero transmissor de conteúdo e tornando-se um “professor estrategista da aprendizagem” (GUIMARÃES - BRENNAND, 2007, p.68), Este, por sua vez, deverá ser dinâmico, multidisciplinar, crítico e consciente das possibilidades oferecidas pela internet para a democratização dos saberes. Eis o desafio que está posto para a aprendizagem no século XXI: lidar com a “grande carga de informação é uma situação que aflige grande parte dos profissionais do mundo moderno.” (ALMEIDA, 2003, p.96).

Atualmente, na sociedade tecnológica, todos intitulam-se leitores, pois lê-se reportagens e artigos enviados por e-mail, frases e histórias contadas por amigos nas redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*. Entra-se em diferentes sites, seguindo os assuntos que chamam a atenção, mesmo que momentaneamente. Para um texto ganhar vida, precisa da interação com o leitor, e a forma como acontece a interação pode alterar a percepção do conteúdo.

Seguindo o mesmo pensamento, o Letramento Digital – em sua forma singular ou plural- lembra a prática de escrita e leituras que são, de fato, inseridas no cotidiano dos usuários. Assim, passam a ser, realmente, um estado ou uma condição, a princípio individual e depois coletiva, dependendo de fatores como abrangência da oferta e do uso da tecnologia. Soares (2002, p.151) afirma que:

A tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento.

A despeito do potencial da internet para a disseminação de informações, Almeida (2003) comenta que, ao acessarem livros, revistas, periódicos e toda uma gama de leitura, muitos internautas sentem-se confusos quando necessitam de uma dada informação, e em muitos casos não leem tudo que é pesquisado.

Além disso, há a possibilidade de terem contato com pesquisas sem credibilidade, ressaltando o papel da escola em colaborar nessa tarefa, orientando esses leitores – navegadores na seleção do material a ser pesquisado e lido -, como também atuando na inserção da tecnologia na sala de aula e análise das leituras.

Atualmente, em pleno século XXI, há a presença da leitura e internet em diversos momentos, em qualquer lugar, instigando a conhecer lugares distantes e pessoas desconhecidas sem sair do espaço escolar, da casa, utilizando o *YouTube, blogs, MSN, Orkut, chat* etc., que fazem parte da rotina dos jovens, e podem ser excelentes recursos didáticos.

À medida que se lê, satisfaz-se a necessidade de informação, viaja-se por diferentes lugares, conhece-se pessoas das mais diversas origens e culturas, com liberdade e prazer, lidando com a imaginação percepção mais profunda dos sujeitos. Portanto, quando a leitura for associada ao meio tecnológico, sob orientação pedagógica, haverá um grande despertar no processo de ensino e de aprendizagem de todos.

Quando o ser humano insere-se no mundo digitalizado, ampliam-se as oportunidades de um aprendizado útil para sua formação social, facilitando o manusear dos recursos midiáticos. Dessa forma, “quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impondo uma nova forma de inscrição” (CHARTIER, 2002, p. 23-4). Reforça-se, assim, a necessidade de aprender a conviver com o diferente, com os modernos tipos de textos e escritas utilizadas pelos internautas, de forma a reconhecer essa transformação, visando à integração social no mundo em constante mutação.

As TDIC são um desafio para aqueles que não as dominam, porém, à proporção que passam a conhecê-las, percebem que desvendá-las é como percorrer um caminho em direção a novas conexões, levando a novas descobertas e aprendizagens nessa sociedade em rede. Castells (1999) enaltece que o novo mundo é revelado e desencadeia um processo de aprendizado ao leitor virtual, que, ao manter contato com a leitura e escrita nesses ambientes virtuais, adquire habilidades essenciais para a aprendizagem e o relacionamento com saberes essenciais para o século XXI.

2.3 A FORMAÇÃO DO LEITOR NA ERA DIGITAL

A escola é um lugar privilegiado para a construção da cidadania, formação e transformação do indivíduo que nela está envolvido, principalmente alunos e

professores. Do mesmo modo, a leitura, que é um fator fundamental no desenvolvimento escolar, está presente em todos os lugares, independente de idade ou classe social, porque o prazer de ler é a força que impulsiona e faz permanecer viva a leitura, pois está presente no espaço social. Por isso, é importante entendermos as funções e papéis que a escola desempenha.

A escola, sem dúvida, trabalha com muitas das interfaces. Há o ler que prioritariamente se detém na busca de informação. Há o ler cuja natureza é puramente funcional. E há o ler do produto ficcional - que deveria ser fonte de grande prazer para os estudantes, mas que, ao contrário, acaba por se constituir em desagradável exercício de coerção, momento em que melhor se evidenciam o autoritarismo e a extemporaneidade que vêm marcando boa parte de nosso sistema escolar. E é nesse mesmo momento que se anulam as possibilidades de fruição da leitura. (ROCCO, 2013, p 41)

Isso acontece porque, na maioria das vezes, a escola formal acaba por ignorar a passagem do tempo e as novas visões de mundo, como as TDIC e sua utilização no desenvolvimento do leitor plural. Geralmente o aluno não suporta ler na escola, isso não quer dizer que ele não goste de ler, muitas vezes os textos não são de seu interesse, não despertando prazer no momento da leitura ou por ser uma exigência para uma avaliação, que, no ver do aluno, não tem nada de interessante.

E é nessa hora que tal escola perde qualquer razão, caminha sem rumo, às cegas, construindo, em vez de aprendizagem efetiva, um campo de tensões e conseguindo a triste façanha, sobretudo no que concerne à leitura, de abolir e castrar momentaneamente, entre os alunos, aquela atividade dialógica fundamental que define a natureza humana. (ROCCO, 2013, p. 42)

A família, no entanto, tem um papel significativo no desenvolvimento da leitura, pois a criança entra em contato com ela antes mesmo de entrar na escola, através de histórias, ilustrações, e outras fontes que permitem se inserir nesse novo mundo, pois os conhecimentos adquiridos no ambiente familiar são levados, na maioria das vezes, para toda a vida.

Sendo, portanto uma miniatura da sociedade, a família se fortalece e como espaço privado de vivência, e é nesse interior do novo modelo familiar que o gosto pela leitura se intensifica. O gosto pela leitura se constitui em atividade adequada a esse contexto de privacidade doméstica. (VIEIRA, 2004, p. 4)

Dentro do seio familiar, a leitura tende a ser mais leve, prazerosa, criando um vínculo maior entre pais e filhos, num primeiro momento com a observação das ilustrações dos livros lidos pelos pais, com a audição de cantigas de ninar, de histórias para dormir, até que a criança se sinta com vontade de retribuir e contar ou ler suas próprias histórias (RAIMUNDO, 2007).

Bamberger (1991) defende que o sucesso linguístico em grande parte está relacionado com o seu ambiente familiar e contexto social. Os pais devem se interessar pelo que as crianças estão lendo, de maneira que ela sinta interesse, mas não em forma de perguntas ou sob forma de cobrança sobre o que leu. Cabe a eles também ler livros, comentar com os filhos o que leram, contar histórias ou lê-las em voz alta, dedicar mais tempo aos filhos não se preocupar só com comodidades materiais ou garantir-lhes apenas o necessário para sobrevivência.

O amor, apego e interesse pelos livros não aparece de repente. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles lhe podem oferecer. Cada livro pode trazer uma nova ideia, ajudar a fazer uma descoberta importante e ampliar o horizonte da criança.

Os pais podem iniciar contando histórias para os filhos dormirem, presentear as crianças com livros, incentivar os filhos a contarem histórias em casa, assim haverá sempre uma troca de conhecimentos e cria-se um estímulo para que as crianças, adolescentes e jovens tenham realmente prazer pela leitura, pois não adianta crianças crescerem ao redor de livros e odiarem a leitura (VIEIRA, 2004, p. 5)

Assim, os primeiros contatos com a leitura e escrita marcam a criança a tal ponto que elas se entusiasma a aprender a ler e a escrever para poderem fazer suas próprias escolhas de leitura.

O ato de ler possibilita que o indivíduo faça a leitura de mundo, por isso a escola deve se preocupar em formar leitores e não apenas ensiná-la como pretexto para o aprendizado da escrita. Segundo Souza, Ricetti e Osti (2009), a leitura é fundamental para que a pessoa desenvolva o raciocínio, sua capacidade de pensar e argumentar.

Quando a escola pensa em leitura, deve entender que não é simplesmente atividade auxiliar da escrita, mas que os professores precisam formar leitores para toda a vida, caso contrário, os problemas com a leitura continuarão interferindo de forma negativa no desempenho escolar dos alunos. De acordo com Souza, Ricetti e Osti (2009, p. 8), "Para suprir as carências na formação de leitores, será necessário

que muitas vezes a escola deixe de lado a preocupação com o ensinar a ler para dar lugar ao estímulo à vontade de ler.”

Pensar estratégias e colocá-las em prática é uma das formas de ampliar o contato com as mais variadas leituras, bem como abrir espaço para depoimentos, comentários e discussões acerca do que foi lido, dessa maneira, pode-se instigar, no aluno, o gosto pela leitura dentro e fora da escola, já que os indivíduos precisam, nesse contexto de conhecimento saber como escolher melhor a informação que desejam.

[...] cabe ao professor promover no espaço de aula um espaço interativo, participativo e tentar extrair dos discentes o conhecimento tácito que estes têm para enriquecimento da discussão, uma vez que diversificadas são as multirreferências que compõem cada um. (SOUZA, 2008, p. 6)

É preciso respeitar as origens, as necessidades de cada indivíduo e o planejamento com indicação de livros pelos educadores em questão, que façam sentido ao leitor permitindo, assim, a tomada de decisão em novas escolhas. De acordo com Bamberger (1995), é preciso incentivar a leitura a ponto de fazer com que o aluno sintam bem e realizado ao ler, sendo essa uma ferramenta que leva ao aprendizado e ao desenvolvimento da crítica.

A tecnologia nos atingiu de forma assustadora e já não é possível conceber Educação desvinculada das TIC, uma vez que permitem ampliar o conceito de aula, espaço/tempo e aprendizagem colaborativa. Entretanto, é imprescindível realizar tanto a revisão quanto atualização do papel e função do professor diante de tais transformações, adotando, dentre outras questões, uma visão holística de sujeito, objetivando não só a aprendizagem do aluno, mas sua formação para um mundo contemporâneo globalizado e tecnológico.

O que se procura é o desenvolvimento geral dos sujeitos escolares, quer seja no estabelecimento de novas relações, quer seja na capacidade de síntese, de organização e sistematização, expressando-se mediante múltiplas linguagens (incluindo-se a linguagem das novas tecnologias), numa situação ativa e crítica com o meio físico e social. (COSCARELLI, 2007, p. 92)

Para que a informática se instaure como ferramenta educacional – o que não significa ignorar ou descartar o ensino tradicional e todo seu rol de contribuições, mas

renová-lo, ajustando-o à cultura digital – é fundamental, dentre outras coisas, que o professor, enquanto mediador do processo de ensino e aprendizagem, prepare-se, no nível de letramento digital, para operar desembaraçadamente com esse aparato tecnológico, o que não significa ser *expert* em informática, mas familiarizar-se com os recursos básicos necessários à utilização dessa tecnologia. (COSCARELLI, 2007, p.140).

A escola é o espaço onde os processos que ocorrem na sociedade, dos quais, hoje, o avanço tecnológico e a presença das TDIC, mesclam-se e devem ser pelo menos discutidos, refletidos, nunca ignorados. Segundo Kleiman (1995), cabe à escola, como principal local letramento da nossa sociedade, proporcionar aos alunos o contato com práticas de letramento digital.

O aluno está cercado por recursos tecnológicos diversificados: o uso da Internet, seja em casa ou na *lan house* ou no próprio aparelho celular (com seus modelos cada vez mais sofisticados), a comunicação via diversas redes sociais, o acesso a músicas, imagens; a postagem de fotos, enfim esta é a geração que transita espontaneamente pelo mundo digital e dele se serve tanto para resolver situações triviais do cotidiano como para fazer pesquisa científica. Então, o que “ensinar” a essa geração?

Uma das formas é ensinar os estudantes a tirar proveito dos textos digitais não como meros expectadores e vorazes consumidores da informação, mas como sujeitos, coautores desses artefatos.

É fundamental preparar os jovens para descortinar o que está por trás da suposta neutralidade – seja ela científica, ética ou estética – corporificada num texto. Isso é verdadeiro para qualquer tipo de texto, mas enfatizamos a importância dessa orientação acerca das mídias digitais pelo fato de estas tornarem-se hoje as mais atraentes, mais sedutoras e mais facilmente disponíveis às novas gerações, com as quais a escola trabalha. Dessa forma, ocorre o encontro da pedagogia crítica da leitura digital, necessidade emergente nas escolas atuais, como bem frisou Kellner (2009) a respeito da leitura de textos imagéticos, os quais, pelo seu caráter aparentemente transparente (uma vez que se pensa que a imagem é mais fiel aos referentes, àquilo que se aborda num texto), podem ser ainda mais passíveis de assimilação acrítica pelo leitor. Assim, os textos imagéticos, podem ser desconstruídos pelo professor e alunos em sala de aula, de modo a desfazerem-se suas opacidades e revelarem-se a carga ideológica, moral e pseudoesférica que não são reveladas a “olho nu”.

Atualmente, vive-se uma prática que, há tempos, era verificada apenas em filmes, ou seja, qualquer pessoa que use a internet pode acessar o mundo clicando em um botão. Os recursos tecnológicos estão presentes em todos os lugares: nos bancos, nos supermercados, nas residências, nos hospitais, nas empresas, nas escolas etc. Diante disso, é possível ver e ouvir, nos jornais, o lançamento de computadores, de telefones, de TVs e de outros componentes com capacidade para utilização de diversos aplicativos.

De acordo com Xavier e Santos (2005), com a introdução das tecnologias digitais no ensino, principalmente a internet, é necessário uma nova postura dos educadores para que eles consigam utilizar essas ferramentas em seu plano de ensino e aprendizagem, não apenas como suporte metodológico, mas também como uma forma de desenvolver no educando uma postura crítica diante do ato de ler e escrever.

Dessa forma, no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa, mais especificamente no ensino da leitura e da escrita, a internet pode ser utilizada como instrumento lúdico, o qual resgata e instiga nos alunos ações e estímulos perdidos ou inexistentes, porque oferece informações ricas, leva o aluno a uma viagem digital/real possibilitando, assim, riqueza nas produções escolares e conseqüentemente, um interesse maior na aprendizagem da língua materna. Por isso, o texto digital, no ensino do português brasileiro, tem se apresentado como uma grande ferramenta para o desenvolvimento dos educandos. Para Xavier e Santos (2005), a tecnologia digital promove a participação constante dos alunos nas aulas, assim como proporciona a ampliação das capacidades argumentativas destes sobre temas diversos, levando-os a construir sua opinião de maneira crítica e diversificada.

A mudança de ambiente, da sala de aula para o laboratório de informática, e a descoberta das características e potencialidades de desenvolvimento retórico-argumentativo poderiam tornar a aula de português mais empolgante e atraente. (XAVIER; SANTOS, 2005, p. 37)

Os recursos tecnológicos que são apresentados na atualidade trazem consigo novas formas de ler, de escrever, portanto, de pensar e agir. Existe a consciência de que um bom domínio das TDIC é imprescindível para garantir o acesso ao emprego, o desenvolvimento pessoal e o exercício da cidadania. Esses objetivos colocam, porém, muitos desafios, tanto aos professores já em exercício quanto às instituições

de formação inicial. Estudos indicam que a utilização das tecnologias é a área que os professores sentem necessidade de aperfeiçoamento. Também nos cursos de formação inicial evidencia-se que as competências e conhecimentos adquiridos pelos futuros professores, embora aceitáveis em algum domínio, são manifestamente insuficientes.

Para a introdução das novas tecnologias na sala de aula, é preciso que haja compreensão por parte do professor, clareza do porquê e como de sua utilização, familiarização com essa tecnologia. Para que ganhe confiança nas suas capacidades nessa área, torna-se necessário ter oportunidade de estudar, buscar, conhecer e trabalhar individualmente ou em grupo, bem como estar aberto a aceitar que, muitas vezes, os alunos dominam melhor certas tecnologias que o educador. Só assim será possível que, vindo a confrontar-se com as dificuldades, tais problemas sejam superados.

A presença da escrita na tela do computador é hoje um fato universal. A tecnologia da informação e da comunicação está trazendo mudanças importantes não apenas no mercado de trabalho, mas também nas práticas de leitura e escrita. (FERRERO, 2008, p.35)

O termo *tecnologia* é vasto, mas, em se tratando de ambientes educacionais, certamente o que fica em evidência é a Internet, pois é um ambiente global, onde se pode estar e ser em qualquer situação de aprendizagem simultaneamente. Como ferramenta educacional, a Internet é um campo de desenvolvimento novo e muito promissor, pois tem capacidades lastreadas pela simultaneidade de baixos custos, envolvendo diferentes localidades geográficas.

No que diz respeito à utilização de tecnologias na área da educação, os futuros professores têm uma visão que decorre das múltiplas possibilidades dessas novas ferramentas. Alguns percebem e ficam incomodados por não se operacionalizarem de modo mais concreto as tarefas que poderiam realizar no futuro com seus alunos. Trata-se de uma preocupação muito comum, que os docentes trazem em todo o seu curso de formação inicial e em relação à qual seria prematuro dar alguns tipos de respostas imediatas para o que desejam.

A interação dos indivíduos com a tecnologia é o que tem transformado a prática do ser humano, induzindo-os a comportamentos e reações novas diante de situação já conhecidas. A leitura também faz parte disso. Ler é um hábito que vem depois que

se experimenta o prazer. É por meio da repetição, da experiência prazerosa que surge o hábito.

Podemos dizer que, hoje, o hábito de leitura através de livros impressos está melhorando gradativamente; a internet impulsionou o hábito de leitores, pois facilitou o acesso das pessoas a livros digitais e impressos, por meio de venda online. Isso justifica que o interesse pelos livros não é mais como antes, graças à tecnologia, mas é por meio da Internet que podemos ter informações de todo conteúdo preciso para pesquisas de todas as áreas.

Diante dessa realidade, para que a leitura se transforme em uma necessidade, desejo e prazer, os textos devem fazer parte da realidade dos alunos, de modo que possam se identificar dentro do contexto, e que sejam estimulados a tomarem gosto pela leitura, tornando-a agradável no presente, para que, num futuro próximo, tenhamos alunos leitores capazes de discutirem e argumentar sua realidade e vivências. Nesse sentido, a influência que a Internet provoca nos hábitos de leitura do adolescente é um tema que polemiza os debates em prol da educação.

Graças às Novas Tecnologias, talvez seja mais fácil introduzir a criança à cultura letrada. As Novas Tecnologias são muito poderosas e não tem sentido perguntar se são boas ou más, se servem ou não. A cada dia há mais escolas conectadas em rede, tudo indica que o acesso à Internet vai se proliferar como aconteceu com o celular (FERRERO, 2008, p. 41)

É uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Essa motivação aumenta se o professor a faz em um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos. Mais que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino e aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica do professor, de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, competência e simpatia com que atua. Pode-se dizer também que a internet traz inúmeras possibilidades de pesquisa para professores e alunos, dentro e fora da sala de aula. A facilidade de digitar duas ou três palavras nos serviços de busca, encontrar múltiplas respostas para qualquer tema é uma facilidade deslumbrante, impossível de ser imaginada há bem pouco tempo.

A Internet está explodindo como a mídia mais promissora desde a implantação da televisão. A mídia é mais aberta, descentralizada e, por isso mesmo, mais ameaçadora para os grupos políticos e econômicos hegemônicos. Aumenta o número

de pessoas ou grupos que criam na Internet suas próprias revistas, emissoras de rádio ou de televisão sem pedir licença ao Estado ou estar vinculados a setores econômicos tradicionais. Ela também está explodindo na educação. Universidades e escolas correm para tornarem-se visíveis, para não ficarem para trás. Uns colocam páginas padronizadas, previsíveis, em que mostram a sua filosofia, as atividades administrativas e pedagógicas, outros criam páginas atraentes, com projetos inovadores e múltiplas conexões.

Não podemos deslumbrar-nos com a pesquisa na Internet e deixar de lado outras tecnologias. A chave do sucesso está em integrar a Internet com outros recursos – vídeo, televisão, jornal, computador; isto é, integrar o mais avançado com as técnicas já conhecidas, dentro de uma visão pedagógica nova, criativa, aberta e justificada.

Não poderíamos deixar de lembrar a importância que a leitura traz para cada indivíduo, desenvolvendo suas potencialidades. Com isso, podemos perceber que as crianças que leem têm um desenvolvimento intelectual mais significativo e, conseqüentemente, um rendimento melhor na escola, tanto como estudantes, como também no desenvolvimento de sua personalidade.

Apesar de todo o avanço tecnológico observado na área de comunicações, principalmente audiovisuais, nos últimos tempos, ainda é, fundamentalmente, através da leitura que se realiza o processo de transmissão/aquisição da cultura. Daí a importância capital que se atribui ao ato de ler, enquanto habilidade indispensável, nos cursos de graduação.

Em qualquer meio intelectual, a leitura constitui um dos fatores decisivos do estudo. Portanto, é preciso ler, sempre e muito. Não basta ir às aulas para garantir pleno êxito nos estudos. Quem não sabe ler não saberá resumir, tomar apontamentos e, finalmente, não saberá estudar. Ler bem é o ponto fundamental para os que quiserem ampliar e desenvolver as orientações e aberturas das aulas, é muito importante participar, elas, as aulas, não circunscrevem, não limitam, ao contrário, abrem horizontes para as grandes caminhadas, do aluno que leva a sério seus estudos e quer atingir resultados plenos de seus cursos. Aliás, quase todas as cadeiras desenvolvem programas de pesquisa bibliográfica para que o aluno desenvolva temas. Para elaborar trabalhos de pesquisa, é necessário ir às fontes, aos autores, aos livros, é preciso ler, ler muito e, principalmente, ler bem.

Aprender a ler não é uma tarefa tão simples, pois exige uma postura crítica, sistemática e intelectual por parte do leitor, e esses requisitos básicos só podem ser adquiridos através da prática.

Como a Internet é uma grande teia, integrada por máquinas de todos os tipos e tamanhos, é importante notar que, estando conectado à Internet, um computador tem seu poder multiplicado milhares de vezes. Enquanto o computador isolado se limita a acessar as informações gravadas no seu disco rígido, a máquina conectada à rede tem o mundo ao seu alcance.

Os serviços propiciados pela rede nos trouxeram a uma nova realidade: navegar na Internet tornou-se a mais moderna forma de aquisição de informações, sobre praticamente qualquer assunto, já que um usuário tem acesso a uma imensa quantidade de dados, espalhados por toda a rede, de forma prática e amigável. Como muitos endereços estão oferecendo diversos serviços gratuitamente, a informação está cada vez mais acessível. Note-se que a qualidade dos dados é impressionante: toda a informação já existente pode ser atualizada e aperfeiçoada continuamente, por pessoas espalhadas pelo mundo inteiro, durante todo o tempo.

Durante a evolução da Internet, esta sofreu muitas mutações, sempre se adaptando a novas realidades. Mudou o perfil de seus usuários, mudaram as características dos computadores a ela ligados, a velocidade das redes, programas aplicativos, enfim, praticamente tudo.

E para infelicidade de todos aqueles que previam o fim da grande rede mundial, a Internet continua cada vez mais firme e passando a invadir (ou ser convidada) à intimidade de cada vez mais empresas, lares, escolas, universidades e muitos outros locais. Hoje pode-se encontrar computadores ligados à Internet em praticamente todos os lugares.

Uma revolução desse porte, que tem em sua essência a comunicação, tem alterado fortemente o nosso estilo de vida. O modo como pensamos, trabalhamos e vivemos está sendo alterado com uma velocidade nunca vista.

Essa alteração se dá pela incrível sinergia de milhões de pessoas utilizando um meio comum de comunicação, a Internet. Novos conhecimentos, novas tecnologias são criadas e postas à disposição de quem delas precisa em uma velocidade nunca vista. A informação já existente é continuamente trabalhada e aperfeiçoada por pessoas espalhadas por todo o mundo, 24 horas por dia, 7 dias por semana.

É preciso sentir atração pelo saber e encontrar onde buscá-lo. É necessário iniciar esse trabalho com determinação, só essa perseverança garantirá aquela espécie de saltos de integração de dados, que se vão acumulando e associando como frutos da leitura continuado.

Na educação, o contato com o computador e com outras tecnologias avançadas não é imprescindível e por isso também não devem ser forçadas. Mas se tais tecnologias já fazem parte do cotidiano da criança (no lar, na escola ou na casa de colegas), e esta demonstra interesse ou curiosidade, então se deve avaliar qual o conteúdo mais apropriado a ser disponibilizado.

Para que as tecnologias promovam as mudanças esperadas no processo educativo, devem ser usadas não como máquinas para ensinar ou aprender, mas como ferramenta pedagógica para criar um ambiente interativo que proporcione ao aprendiz, diante de uma situação problema, investigar, levantar hipóteses, testá-las e refinar suas ideias iniciais, construindo, assim, seu próprio conhecimento.

Embora Drucker (1993, p.153) seja muito contundente ao afirmar que a tecnologia está “engolindo as escolas”, também enfatiza a importância dela, mas principalmente porque irá nos forçar a fazer atividades novas, e não porque irá permitir que façamos melhores as tarefas velhas. É importante salientar que “mudança da fusão” de tecnologias como meio educacional acontece juntamente com um questionamento da função da escola e do papel do professor.

A verdadeira função do aparato educacional não deve ser de ensinar, mas sim de criar condições de aprendizagem. Isso significa que o professor precisa deixar de ser o repassador de conhecimento – um computador pode fazer isso e o faz muito mais eficientemente do que o professor – e passar a ser o criador de ambientes de aprendizagem e o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno (VALENTE, 1993, p.6).

Assim, cabe ao professor, com o suporte das TDIC, propiciar ambientes com recursos que venham a complementar a sala de aula. Torna-se, então, necessário pensar a formação continuada dos professores para torná-los capazes de manipular as tecnologias, principalmente as utilizadas na escola, para que, dessa maneira, aconteçam práticas efetivas de ensino da leitura, acesso consciente a sites que disponibilizam diferentes opções de livros na versão *online*, melhorando, assim, o texto digital. Pensar métodos que possibilitem a utilização das TDIC, de forma

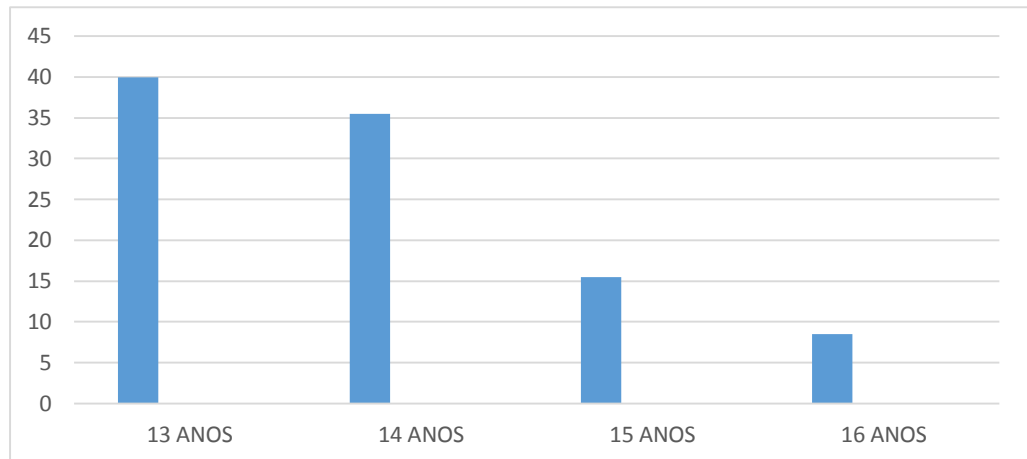
produtiva, com sentido na prática pedagógica, auxilia tanto na construção e potencialização do saber quanto no desenvolvimento sociocultural e afetivo dos educandos.

3.1 A LEITURA NA ERA TECNOLÓGICA: UMA ANÁLISE DOS HÁBITOS DE LEITURA DOS ALUNOS DA.E.E.B. SARA CASTELHANO KLEINKAUF

Sabe-se que a internet está inserida no cotidiano estudantil, não se restringindo à esfera do lar. O uso dessa ferramenta tem se mostrado crescente no espaço escolar, pois a partir dela é possível, por exemplo, acessar integralmente obras literárias *online*, desenvolver pesquisas e demais atividades encaminhadas pelo professor. A partir disso, observa-se o quanto as TDIC, por meio do suporte da internet, facultam ao aluno oportunidades distintas de aprendizado, visando à ampliação de repertório de conhecimento desses estudantes.

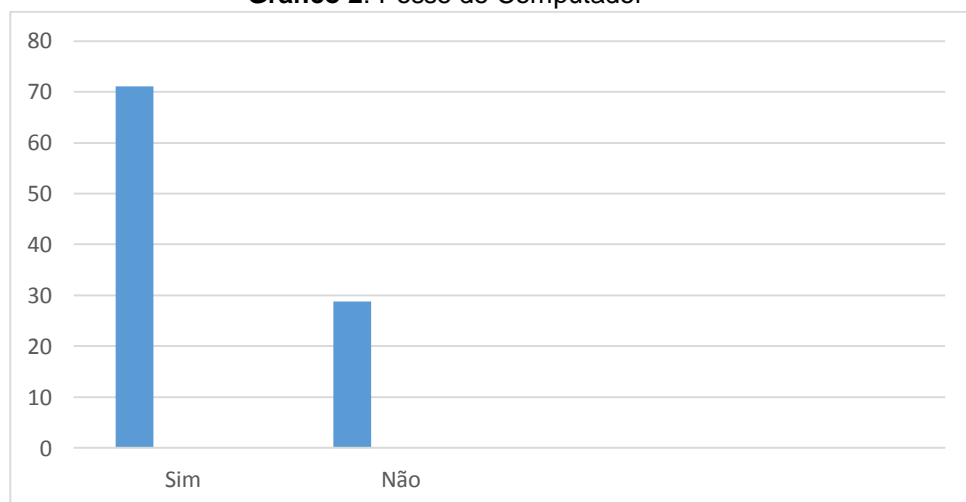
Diante disso, esta pesquisa objetivou questionar, analisar e pontuar a situação da leitura e dos leitores nos dias atuais. Para compreender tais questões, foi realizada a aplicação de um questionário, composto por perguntas fechadas sobre os meios tecnológicos que os alunos têm acesso e também sobre a prática de leitura que exercem, dentro e fora da escola, a partir desses recursos. Os participantes da pesquisa foram alunos do oitavo ano das turmas da E.E.B. Sara Castelhana Kleinkauf, situada no município de Guaraciaba, que contabilizavam 55 alunos, porém o retorno do questionário foi de apenas 45 discentes. A escolha do referido ano escolar do Ensino Fundamental foi em razão da fase em que eles se encontram, a adolescência, momento de transição, mudanças físicas, psicológicas e também comportamentais. Pretende-se, com base nas respostas obtidas, entender a relação dos alunos com as TDIC para que haja incentivo ao desenvolvimento do espírito crítico almejado, segurança e discernimento na seleção da informação disponível na internet.

A primeira pergunta do questionário referia-se à idade dos alunos, a qual revela-se importante para compreendermos os interesses, demandas de escolha e posicionamento diante da utilização das TDIC. Os resultados podem ser visualizados no gráfico 1.

Gráfico 1: Idade dos alunos

Fonte: elaborado pela autora

Por se tratar de oitavo ano, pode-se perceber, no gráfico 1, que a faixa etária entre 13 e 14 anos é o que prevalece, sendo condizente com o ano escolar. Também existem alguns estudantes entre 15 e 16 anos, oriundos de reprovação ou de outras escolas. Além disso, a turma é mista, possuindo 57,7% de meninas e 42,2% de meninos. Ao serem questionados se possuem computador, conforme é possível observar no gráfico 2, 71,1% responderam que sim e 28,8% disseram que não, configurando que a grande maioria tem à sua disposição esse recurso tecnológico. Diante desses números, pode-se perceber a importância que essa ferramenta tecnológica representa na vida dos estudantes, passando a ser um objeto de necessidade em todos os setores sociais e escolares.

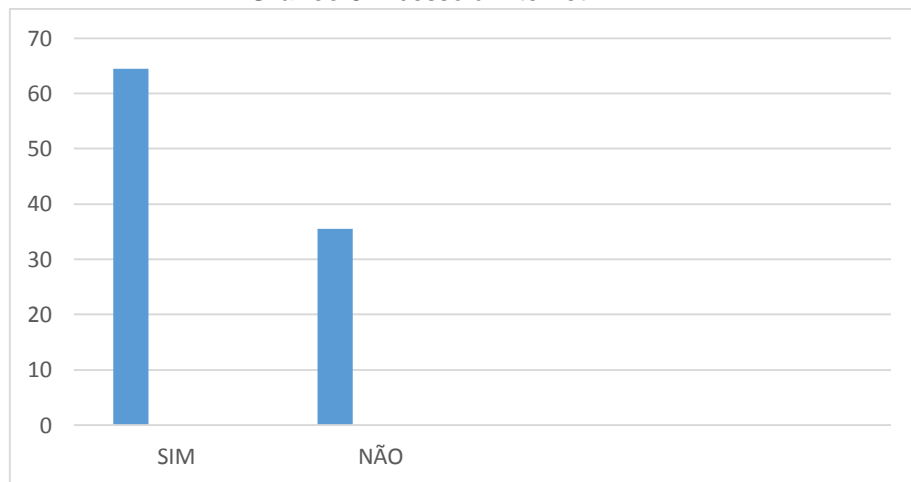
Gráfico 2: Posse de Computador

Fonte: elaborado pela autora

Ainda em relação a essa questão, a maioria dos alunos relata que usa muito essa máquina para acesso à internet e jogos e que não consegue imaginar-se sem esse recurso, que é utilizado diariamente. Outros alegam sentirem falta de manter um contato maior com essa tecnologia, acreditando que seria um incentivo a mais para estudo e pesquisa, porém as condições familiares impedem a aquisição do computador.

Apesar dos dados apresentados no gráfico 2, observa-se, no gráfico 3, que o acesso à internet é de 64,4%, enquanto que 35,5% não têm essa disponibilidade, mesmo que possuam computador em casa. Também pôde-se evidenciar, a partir das respostas, que os alunos não conseguem se imaginar sem o uso dessa rede, pois é uma maneira muito eficiente de se ter acesso a um grande número de informações de forma simultânea, dando oportunidade de interação com outras pessoas e debate sobre assuntos relevantes. De acordo com os alunos, ainda, a resolução de problemas, muitas vezes, sem que haja necessidade de sair de casa para reunir-se em algum lugar e hora é um dos benefícios propiciados pela internet.

Gráfico 3: Acesso à Internet



Fonte: elaborado pela autora

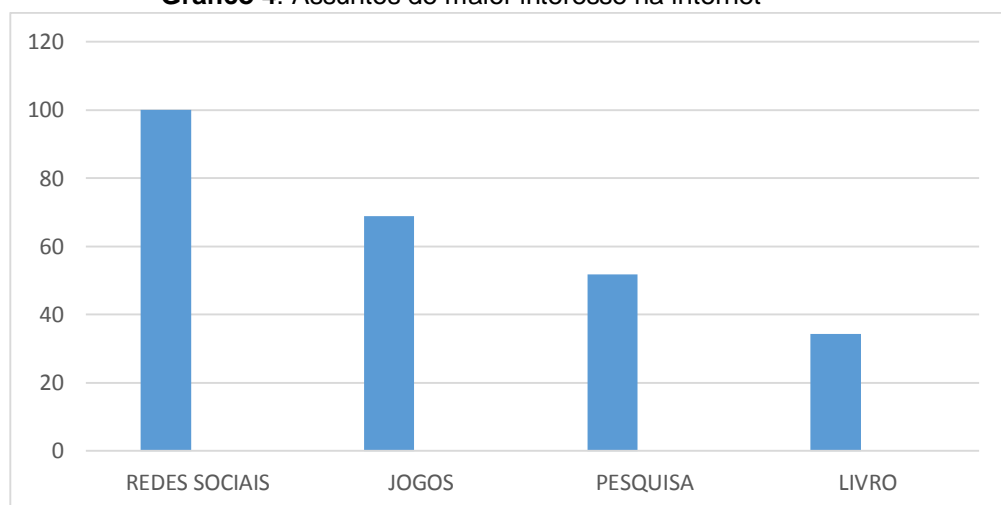
Moran (1997) comenta que a Internet pode ser utilizada como fonte tecnológica por ser a mídia que mais teve expansão e evolução após o surgimento da televisão. Cada vez mais pessoas têm acesso à Internet e as que ainda não a possuem demonstram interesse em obtê-la. Além disso, o autor ressalta que, por meio do espaço virtual, o usuário deixa de ser apenas um receptor de informações, podendo

ser um produtor de conteúdo, seja a partir de *blogs* ou redes sociais, sem precisar de autorização do governo ou de um patrocínio.

Nesse mesmo pensamento pode-se dizer que, depois da popularização das TDIC, em especial os com tecnologia *touchscreen*, com comandos virtuais interagindo com a ponta dos dedos, os *tablets*, *notebooks* e os celulares estão mais acessíveis, em especial aos jovens, que interagem com o mundo virtual, constroem um sentimento de autonomia, de identidade, embora, muitas vezes, esse acesso conduza à dependência e à solidão.

A internet, com seu poder de adesão, faz parte da vida dos adolescentes, independente da sua finalidade de uso. Isso ficou evidente a partir do questionamento sobre os assuntos de interesse (gráfico 4), em que mencionaram a possibilidade de terem à disposição tecnologias para estudo, diversão e relação social. Tudo isso sem deslocamentos, sem trânsito, longe do perigo da violência e, na maioria das vezes, sem qualquer tipo de despesa.

Gráfico 4: Assuntos de maior interesse na internet



Fonte: elaborado pela autora

É importante lembrar que a leitura é vista como um processo ascendente, ou seja ler é decodificar, passar do código escrito para o oral. Uma vez feita essa decodificação, chega-se sem problemas ao conteúdo.

Nas redes sociais, também há leitura de diversas ordens, materializada em vários gêneros. No entanto, os jovens concebem leitura como apenas aquela que tem como suporte o livro. Textos, mesmo que curtos, como notícias, artigos de opinião, poemas entre outros também são leituras possíveis na internet.

Lembrando a observação de Moran (1997), os jovens gostam de divulgar o que sabem ou pensam que sabem e também de conversar com seus colegas via Internet. Nessa fase, os adolescentes descobrem e redescobrem, a cada dia, sua identidade e tudo o que se relaciona com suas atividades interfere nessa formação. É de suma importância que entendam, então, que a liberdade que a internet fornece é real, mas é seguida seriamente pelas responsabilidades do que foi escrito/compartilhado; ou seja, cada um é diretamente responsável pelo que escreve, curte e compartilha.

Ainda em relação ao gráfico 4, observa-se que os jogos são citados por 68,9% dos alunos. Pela idade em que se encontram, sentem necessidade de distração e a busca por atividades novas é constante. Assim, os jogos *online* atraem esse público, que pode competir com diferente pessoas sem sair de casa. Wilson (2006) afirma que os jogos digitais podem ser definidos como ambientes atraentes e interativos, que capturam a atenção do jogador ao oferecer desafios que exigem níveis crescentes de destreza e habilidades.

Diante desse interesse, é importante utilizar as ferramentas existentes para o ensino. Valente (1993) comenta que os jogos didáticos *online* constituem uma maneira divertida de aprender pois desempenham a função de tornar as aulas mais dinâmicas, criativas, proporcionando apropriação do conteúdo. Desse modo, esses recursos devem ser vistos como auxiliares no processo de ensino e aprendizagem.

Seguindo a ordem de interesses dos estudantes participantes deste estudo, surgem as pesquisas, representando 51,7%, dos que responderam ao questionário. Como requisito fundamental à produção de trabalhos escolares, a busca de diferentes ideias, algo prático e pronto, tal atividade aparece como fator importante do processo de aprendizagem. É também relevante destacar a necessidade de conscientizar os alunos pela busca por sites confiáveis, para que o possam desenvolver com credibilidade as tarefas encaminhadas pelo professor e a exposição de discussões na sociedade, em diferentes esferas em que circulam. Nesse sentido, ganha destaque a mediação do professor para que a pesquisa aconteça de forma coerente e consciente, efetivando-se em um processo de auxílio à aprendizagem.

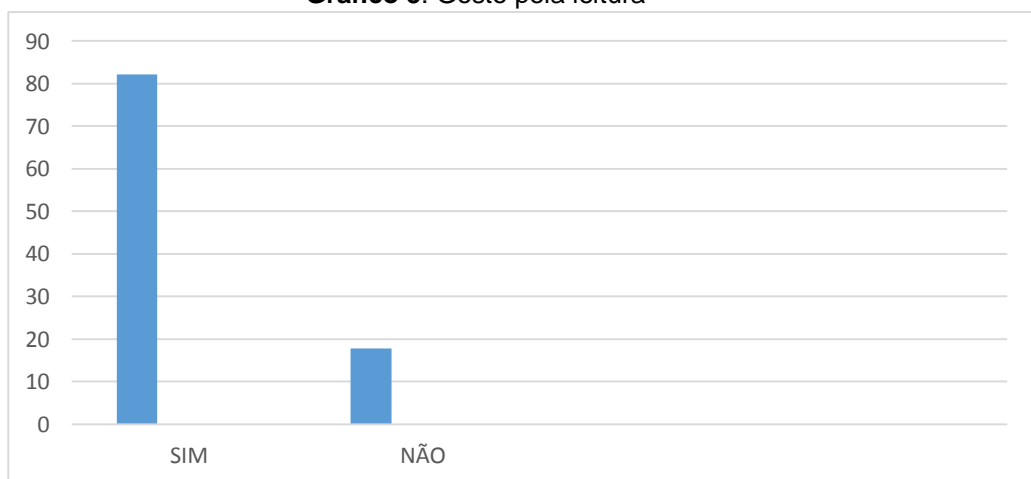
Por último, a leitura de livros disponíveis no formato online com 34,4% dos assuntos de preferência na internet, evidenciam a baixa procura na utilização de textos mais longos de forma *online*, muitas vezes resultado do hábito de utilização do livro impresso. Além disso, a natureza abundante e dispersa dos conteúdos postos na rede, em contraste com o foco mais específico e direcionado do conteúdo de um livro,

representa um empecilho para que esses materiais sejam vistos como atrativos aos jovens.

Segundo Lévy (1993), o computador representa uma tecnologia intelectual tão revolucionária, assim como a escrita para as sociedades orais. Ele pode contribuir, com o passar dos tempos, para modificar a forma de interpretar a realidade, tendo incidência sobre as maneiras de estruturar o pensamento individual. A informática, muito mais do que uma arte de automatizar cálculos, auxilia na estruturação dos espaços cognitivos dos indivíduos e das organizações sociais.

Em convergência com esse assunto, quando perguntados se gostam de ler, 82,2% responderam que sim, apesar de a leitura de livros representar um assunto de baixo interesse dos alunos participantes da pesquisa. Isso revela que, no mundo grafocêntrico em que vivemos, a leitura tem sido vista de forma mais ampla, não se restringindo ao suporte físico ou virtual do livro. Acredita-se que eles são motivados pela curiosidade, em especial nas redes sociais, desejo de novas informações e conhecimentos, lembrando assim Freire (1995), que afirma que a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo.

Gráfico 5: Gosto pela leitura



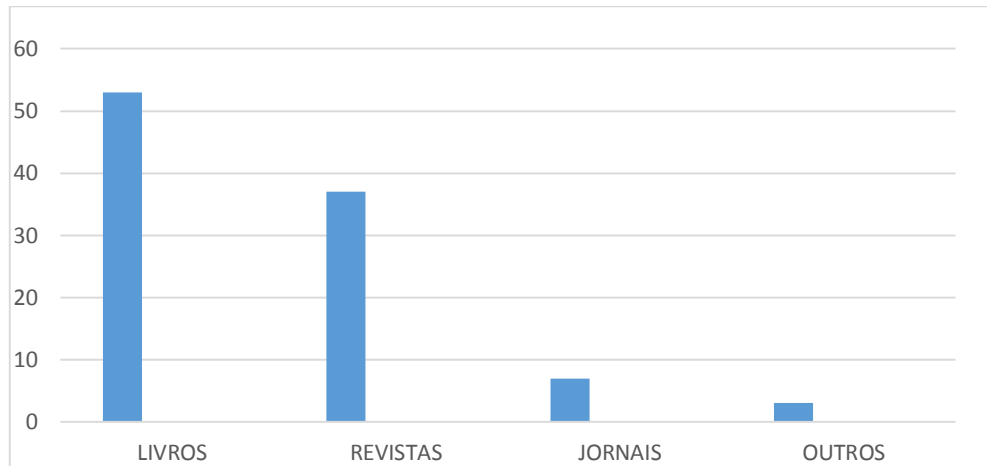
Fonte: elaborado pela autora

Além disso, outros 17,7 % informaram que não gostam de ler, reflexo da sociedade em que a prática da leitura não é valorizada como instrumento de crescimento pessoal e/ou profissional. Embora a tecnologia venha avançando e fazendo com que se ampliem os meios de comunicação de fácil acesso e todo tipo de

conhecimento, a maioria dos adolescentes/estudantes não sabem usufruir bem desse recurso para obter informações que lhe são úteis.

Assim, Cerqueira (2012) comenta que os adolescentes não leem porque não são incentivados. Esse hábito deve vir, em primeiro lugar, de casa. Pais que têm o hábito de ler estimulam seus filhos a fazerem o mesmo, e isso passa de geração para geração, pois se trata de um processo de vivências com a escrita, que repercute nos valores que esses sujeitos atribuem às práticas de leitura. Os adolescentes estão muito ocupados com as redes sociais, embora nesses ambientes seja possível encontrar diversificados tipos de leitura, o que os leva a se interessarem mais por leituras mais curtas e instantâneas, como as observadas em bate-papos pela internet, observação de regras de games e acesso a vídeos. O que carece de atenção, no entanto, é a qualidade dos textos encontrados na internet e a seleção deles para a formação crítica desses alunos.

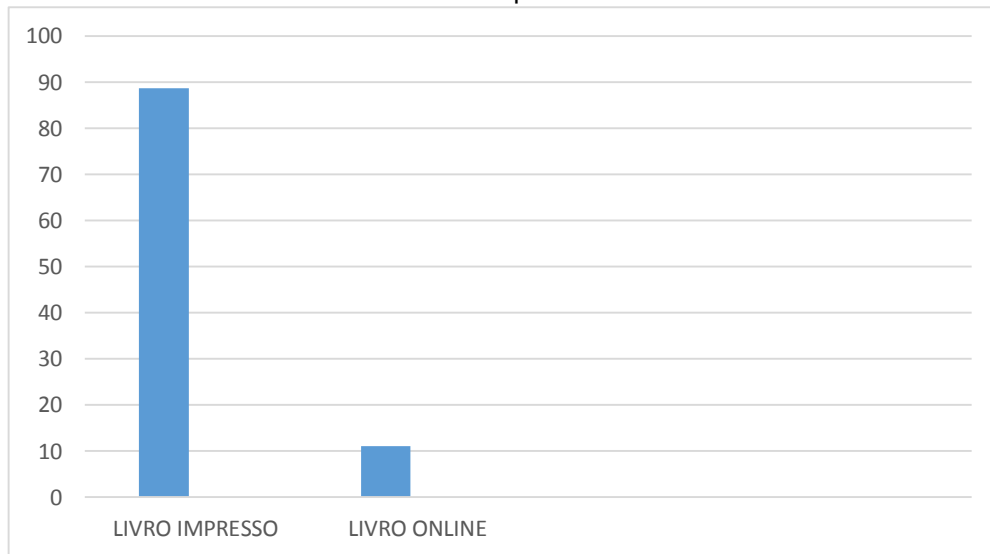
Em relação à leitura selecionada na internet, observa-se, conforme o gráfico 6, que 53% dos estudantes preferem textos que tem como suporte o livro, 37% optam por revistas, 7% indicaram o jornal e 3% dizem ter outra opção de leitura. Tais dados, em boa medida, contradizem o que foi apontado no gráfico 4, pois, naquela ocasião, os alunos demonstraram maior interesse pelo acesso a outros tipos de leitura que não o livro. Isso pode ter acontecido em decorrência da não associação da opção "outros" às leituras feitas por meio de outros suportes, como as redes sociais, blogs e canais de jogos. De todo modo, pode-se perceber que o livro parece ter um espaço bem significativo na vida desses alunos, porque é umas das formas de entrar obter conhecimento e desenvolver a compreensão.

Gráfico 6: Tipo de leitura

Fonte: elaborado pela autora

Ainda em relação ao gráfico 6, revela-se que as revistas possuem seus adeptos em especial às dedicadas aos adolescentes, com relatos, entrevistas, dicas e vida de artistas. Por último, estão os jornais, pois ainda, nessa faixa etária, não demonstram tanto interesse pelas situações sociais e políticas. Os que leem jornais revelam, em sua maioria, que preferem a seção de esportes.

Ao serem questionados a respeito do suporte de livros geralmente selecionado (gráfico 7), 88,8% dos alunos responderam que preferem os em versão impressa por serem mais acessíveis. Do total de entrevistados, no entanto, 11,1% dizem que já utilizam a leitura *online* e que estão gostando dessa nova modalidade. Ao integrar esse suporte eletrônico às novas tecnologias ao ensino, proporciona-se não apenas a ampliação das possibilidades educativas ao aluno, mas também a promoção da inclusão digital do educando no mundo contemporâneo, viabilizando o acesso aos materiais disponíveis pela cultura, oferecendo, assim, condições favoráveis ao uso que se faz deles nas práticas sociais.

Gráfico 7: Suporte de livros

Fonte: elaborado pela autora

Diante dos resultados obtidos, fica evidente a necessidade de projetos que incentivem a formação de leitores, não só de textos impressos, mas também dos que circulam na internet, em especial devido ao potencial que essa rede eletrônica promove ao acesso a obras *online*. Sobre essa discussão, Rocha (2008) ressalta que em uma sociedade em que as mídias ganham cada vez maior importância, principalmente aquelas relacionadas à difusão das imagens, o papel da leitura e da escrita parece sofrer uma modificação.

Seguindo o mesmo pensamento, Chartier (2000) defende que o leitor adolescente pode não ser mais aquele que realiza leituras apenas no suporte impresso, mas aquele que transita em diferentes meios, como os ambientes *online*. Porém, na concepção dos alunos, a leitura propriamente dita ainda parece ser aquela realizada em livros impressos, no espaço escolar, com cobrança e, muitas vezes, atribuição de uma nota por essa ação.

Xavier (2005) comenta que o mundo digital fez surgir uma tecnologia de linguagem em que a apreensão de sentido não é apenas formada por palavras, mas também elementos que formam um todo significativo, como as imagens, sons, entre outras linguagens. Dessa forma, o trabalho do professor não pode estar desassociado do uso das TDIC. Como afirma Emília Ferreiro (2008), essas ferramentas tecnológicas são “muito poderosas”, capazes de servir como estratégias que favoreçam uma aprendizagem prazerosa, significativa, dinâmica e produtiva, inserindo de forma efetiva o aluno no mundo letrado, transpondo as barreiras da sala de aula e

despertando o interesse pelo saber. Tais estratégias, segundo a autora, tornam o aluno autor do seu próprio conhecimento de modo a ampliar suas possibilidades de participação na sociedade. Sabe-se que é uma atividade árdua, com resultados a longo prazo, mas importante para manter os já inseridos no mundo da leitura.

A maior parte dos pesquisados aprecia ler por meio do livro impresso por não conhecer sites que viabilizam obras literárias *online* ou mecanismos baixá-los. Assim, a leitura eletrônica gera diferentes opiniões por ainda não estar inserida na rotina estudantil, não permitindo, dessa maneira, pontuar, de modo efetivo, se a leitura eletrônica apresenta mais adeptos que a impressa.

Entende-se, então, que as práticas de leitura nos novos suportes são diferentes daquelas conduzidas na forma tradicional. O hipertexto, por exemplo, é um meio tecnológico que proporciona ao leitor uma abertura infinita de "janelas", não necessariamente de modo linear, com objetivo de conhecimento, uma pluralidade de navegações que pode ser compreendida numa perspectiva inter, multi e transdisciplinar, conduzindo o ato de ler à obtenção de resultados imprevisíveis e excitantes. A leitura nos suportes de hipermídia disponibiliza acesso às informações com formatação visual e auditiva, com animações e com grande possibilidade de interação entre seus elementos.

Sendo assim, a leitura exige do aluno e do professor mudanças em relação aos modelos tradicionais, um perfil diferente, uma interatividade, a qual leva o aluno à perspectiva de diálogo e produção de sentidos com o Outro. Dessa maneira, não é possível desconsiderar a relevância das novas tecnologias no atual contexto social e educativo da sociedade globalizada. Percebe-se, assim, que o livro eletrônico já é uma realidade que pode ser aproveitada, sem ignorar a importância do livro impresso, que continuará contribuindo conteudisticamente, metodologicamente e socialmente para a (r)evolução da sociedade humana como um todo.

Tais considerações remetem a Chartier (1999), que ressaltou que o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, não forçosamente pacífica, entre as duas formas do livro e os três modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica. É fundamental ter em mente o conceito de livro para compreender e aceitar o processo evolutivo. O texto eletrônico, desse modo, não objetiva acabar com o livro impresso, nem a existência da leitura, que possibilita abranger uma transformação nas formas de produzir significados.

Nesse sentido, o incentivo por parte de professores e o acervo considerável da biblioteca no ambiente escolar contribuem para que haja, por parte da grande maioria dos pesquisados, o gosto pela leitura, bem como sua utilização de forma consciente, e a continuidade da formação do leitor na sociedade em que as TDIC ganham cada vez mais destaque.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indiscutivelmente, o processo leitura é uma das ferramentas essenciais para auxiliar os alunos no seu desenvolvimento escolar e nas relações interacionais de sua vida cotidiana. Nesse contexto, jornais, livros, revistas, entre outros, oferecem aos leitores diferentes informações, tornando-se fontes ricas de cultura e conhecimento.

Após pesquisa, leitura e análise, comprovou-se que é importante a implantação de projetos e atividades que incentivem a formação de leitores. Entretanto, essa tarefa deve priorizar também manter os já iniciados para que não cessem a prática da leitura, façam uso de diferentes meios para ampliar e fortalecer o hábito de ler, lembrando que as TDIC tem papel relevante nesse contexto.

Constatou-se, assim, que as TDIC têm seu acesso cada vez mais frequente entre as pessoas, faz parte da vida do adolescente, independente do objetivo de seu uso. A análise da pesquisa deixou claro que os adolescentes as utilizam tanto para o lazer quanto para o estudo.

Observou-se também que a maioria dos estudantes questionados aprecia o ato de ler. Nem todos conhecem os sites que disponibilizam obras literárias, na versão online. Conclui-se que a modalidade de livros online gera diferentes opiniões, por ainda não estar completamente inserida na rotina estudantil desse público.

Assim constituindo-se como leitura intensa, envolvente e significativa, compreende-se leitura virtual como um recurso importante para o processo de aprendizagem, podendo, dessa forma, contribuir para o desenvolvimento dos alunos, associando os saberes adquiridos no mundo virtual ao real.

Portanto, se houver uma boa orientação da escola, os estudantes, poderão ser seletivos nas suas pesquisas e navegações, apropriando-se de leituras significativas bem como de conhecimento dialogicamente produzido e não apenas transmitido.

Em suma, percebe-se que a TDIC, sob orientação dos educadores, poderá ser suporte e modelo para o aluno tornar-se um “leitor proficiente” com objetivos definidos, sabendo avaliar as diversas situações de leitura e obtendo grande aprendizado para a sua formação como sujeito, não só individual, como também social, oportunizando ser um transformador da sua realidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor navegador (I). In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo, Cortez, 2003.
- BAMBERGER, R. A importância da leitura para o indivíduo e para a sociedade. In: _____. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995,
- BARTHES, Roland & COMPAGNON, Antoine. Leitura. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1987, v. 11, p.184-206
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 5. Ed., São Paulo: Scipione, 1992.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- _____. **A Aventura do Livro**: do Leitor ao Navegador. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2.ed. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2007.
- DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo, Pioneira, 1993.
- FERRERO, Emilia. **Valoriza as novas Tecnologias**. 2008. Disponível em <<http://www.planetaeducacao.com.br>>. Acesso em 28 fev. 2016.
- _____. **Computador Muda Práticas de Leitura e Escrita**. 2008 Disponível em <<http://www.planetaeducacao.com.br>>. Acesso em 5 jun. 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- GUIMARÃES, Jane Mary; BRENNAND, Edna. **Educação à distância**: a “rede” eliminando fronteiras. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2009.
- KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas – SP: Mercado das Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos.** São Paulo: Global ed., 1986.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência** – O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

Mariana Costa Cerqueira – 2012 **PORTAL EDUCAÇÃO.** Disponível em <<http://www.portaleducacao.com.br>>. Acesso em 15 mar. 2016.

MORAN, José Manuel. **Ensino e educação de qualidade.** 1997

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?: currículo, área, aula.** Petrópolis: Vozes, 2003.

RAIMUNDO, A. P. P. **A mediação na formação do leitor,** Maringá, 2007.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto.** Disponível em <<http://www.demandanet.com/portal/publicacoes/2013>>. Acesso em 30 jun. 2016.

SILVA, Ezequiel T. (coord.), et al. **A leitura nos oceanos da internet.** São Paulo, Cortez, 2003.

SOUZA, L. B. M. A Importância da Leitura para a Formação de uma Sociedade Consciente. **Revista UNIRB** [online], Salvador, v.1, n.2, p. 101-110, 2008.

SOUZA, F. E.; RICETTI, M. L.; OSTI, V. A. P. **A Formação Pelo Gosto da Leitura.** Centro Universitário Claretiano: Batatais, 2009.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, v. 23, 2002.

VALENTE, J. A. Diferentes usos do computador na Educação, in: **Computadores e conhecimento: repensando a educação.** Campinas, Gráfica Central da Unicamp, 1993a.

VIEIRA, L. A. Formação do leitor: a família em questão. In: **SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR**, III, 2004, Belo Horizonte.

WILSON, B. Games and Simulations . In: **Society for Information Technology and Teacher Education International Conference**, v.1. (2006).

XAVIER, Antônio Carlos. **O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital.** 2005. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2005.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO

CURSISTA MARIVANE DEMOZZI ROSSETTI

QUESTIONÁRIO ----- 8º ano

Nome _____(opcional)

1. Idade?

() 12 () 13 () 14 () 15 () 16 () 17

2. Tem computador?

() sim () não

- () utiliza para acessar internet;
- () Utiliza para jogos;
- () utiliza para pesquisas.
- () pouco utiliza;
- () não se imagina sem esse instrumento;
- () auxílio nos estudos;
- () tem, mas não utiliza;
- () não possui por dificuldades financeiras.

3. Tem acesso à Internet?

() sim () não

- () pesquisa () comunicação () resolução de problemas
- () não tem muita importância () não consegue ficar sem acesso.

4. Assuntos de maior interesse na internet

() leitura de livros () pesquisa () jogos () redes sociais

5. Gosta de ler?

() sim () não

6. Tipo de leitura?

() livros () revistas () jornais () outros

7. Suporte de livros

() impresso () online

